COMPARATISME ET THÉORIE DE LA LITTÉRATURE de Adrian Marino

por Sandra Nitrini (Universidade de São Paulo)

(Ainda a crise da literatura comparada...)

Trinta anos depois da famosa intervenção de René Wellek com “A crise da literatura comparada”, durante o Segundo Congresso Internacional de Literatura Comparada, em Chapel Hill, surge na França um livro afirmando que “a crise essencial” do comparatismo ainda não foi resolvida. Trata-se de *Comparatisme et théorie de la littérature* do rumeno Adrian Marino (Paris, PUF, 1988).

A intervenção de Wellek, em 1958 – marcada por um acirrado questionamento ao obsoletismo metodológico, a demarcação artificial do objeto e a esterilidade dos princípios da literatura comparada de tendência positivista e historicista – contribuiu, sem dúvida, para a revisão dos estudos comparatistas que vinham se desenvolvendo e para abrir novas caminhos, sobretudo, no âmbito da poética comparada. Passou-se a reconhecer o papel fundamental da crítica literária em qualquer estudo das literaturas e tornou-se legítimo comparar paralelismos da forma e do pensamento, independentemente das relações históricas discerníveis.

O livro de Marino, em 1988, mostra, no entanto, que as críticas e as propostas feitas em Chapel Hill foram insuficientes para erradicar as perspectivas históricas e

-- 152 --

positivistas dos estudos comparatistas, para delimitar o objeto e criar metodologia específica da *littérature comparada*.

Convém lembrar que Marino é entusiasta de Etiemble, o comparatista francês que recebeu muito bem as idéias de Wellek sobre literatura comparada e foi um grande defensor dos paralelismos ahistóricos, da integração das literaturas orientais no terreno do comparatismo e da busca dos invariantes para a construção de uma literatura geral.

A hipótese de trabalho que fundamenta a reflexão deste estudioso rumeno nasce do seu diálogo com as chamadas “escalas” francesa e americana. Ele nega os princípios epistemológicos dos comparatistas tradicionais e mostra-se insatisfeito com a perspectiva crítica, privilegiada pelos americanos. Tanto num caso como no outro, os limites da literatura comparada são nebulosos: confundem-se com a história literária, com a história das idéias, com a crítica, com a estética e com a teoria literária, tais quais são praticadas hoje.

A “crise essencial” da literatura comparada não foi resolvida por não ter ela ainda definido o seu objeto. Na realidade, essa crise traduz um mal estar mais profundo: reflete a controvérsia fundamental que opõe o primado do “fato” ao do “texto” ou da “obra literária”, acarretando uma dissociação fundamental dos métodos, históricos, de um lado, teóricos, de outro. Essa polémica atravessa, de forma estrutural e periódica, a história literária e as pesquisas literárias no seu conjunto.

A solução para resolver essa “crise” consiste em “reverter essa relação subalterna, proclamar sua personalidade e sua independência, oferecer suas soluções específicas”. A matéria que compõe as trezentas e noventa páginas de *Comparatisme et théorie de la*

littérature traduz a hipótese de Marino, consubstanciada numa proposta de objeto, teoria e método próprio para a literatura comparada.

A idéia central de Marino resume-se em converter radicalmente a literatura comparada para a “teoria” e a “poética”. É nesse ponto que se revela o seu traço diferencial em relação aos comparatistas tradicionais franceses e aos seguidores da “escala americana”. Nem historicista, nem crítico, mas teórico geral. Passar das “relações de fato (particulares) para as relações estruturais (universais), “do único” para o “genérico”, e converter o conjunto destes dados numa síntese teórica e metodológica coerente é o objetivo do autor de *Comparatisme et théorie de la littérature*.

Sua poética ou teoria comparatista baseia-se num ponto de partida que leva em consideração três aspectos importantes: a renovação do conceito de literatura universal, a dissociação do comparatismo da idéia exclusiva de comparação e sua associação com o estudo sistemático da “literatura universal” e a recuperação da totalidade dos elementos que antecipam uma nova apreensão global (histórica, morfológica e teórica) da literatura. Torna-se necessário para se acompanhar, com clareza, o percurso da

-- 153 --

reflexão de Marino, expor-se, de modo mais demorado, a conceituação e os pressupostos relativos a tais aspectos bem como ao conceito de “invariante”, instrumento chave, como veremos, para a elaboração da teoria comparatista literária.

Tendo o comparatismo como objeto a literatura geral, impõe-se ser a sua teoria efetivamente validada pela experiência literária universal: ela deve ultrapassar “nossas tradições culturais” e considerar paradigmas e valores culturais pertencentes a outras culturas e literaturas. O conceito de literatura como unidade internacional e interlingüística torna-se assim a expressão de uma qualidade “poética universal, consubstancial ao espírito humano”.

O conceito de “invariante” constitui um instrumento fundamental para a teoria comparatista literária porque institui um “resíduo” abstrato, estável e ahistórico, como critério epistemológico, e visa a um conjunto coerente. Só o levantamento de elementos comuns pode, de modo efetivo, viabilizar a conceituação de literatura universal e, paralelamente, dar uma chance a todas as literaturas de participarem, em igualdade de condição “invariante”, desta unidade. A existência de caracteres comuns define, entre outras coisas, a estrutura e a essência de um gênero e, a longo prazo, a especificidade da própria literatura.

Nessa perspectiva, o invariante torna-se a modalidade essencial através da qual a literatura participa da universalidade e o meio pelo qual ela reveste todos seus elementos comuns de uma significação universal. Seu caráter é estatístico, mas sua regra de aplicação é universal, já que o domínio, por ele regido, é coextensivo ao conjunto da realidade literária.

Ao instrumentalizar o conceito de “invariante”, a teoria literária comparatista identifica-se com uma aproximação “eidética” e “fenomenológica” do objeto literário: faz uma descrição redutora e esquemática que visa a uma essência, cuja significação é imanente a uma certa categoria de textos e de estruturas literárias e dada com eles. Mas tal aproximação é necessária porque o invariante apresenta um caráter inevitável e obrigatório; é a condição sine qua non do fato considerado.

Extraído de uma estrutura dupla, ao mesmo tempo permanente e transitória, como é a obra literária, o invariante constitui, para Marino, o ponto de intersecção entre os planos fenomenológico e histórico. A finalidade fundamental do invariante consiste em instituir uma ordem de pesquisas que, sem negar a realidade essencial dos elementos variáveis, interessa-se, falando-se em termos metodológicos, apenas pelas identidades e similaridades, pelos elementos comuns da obra.

Na desordem do real, na extrema variedade literária, ele introduz um certo princípio de ordem. O comparatismo dos invariantes é o reflexo de uma visão voltada não para o particular e o individual, mas para o geral e o universal, no conjunto de suas correlações. Aí encontramos, fundamentada teoricamente, a marca diferenciadora do “novo

-- 154 --

comparatismo” face à “escola americana”. Por outro lado, se o invariante é um fato recorrente, circular, de “eterno retorno literário”, o historicismo positivista é contestado num ponto essencial. A ordem cronológica tradicional não é mais levada em consideração, pois os invariantes se repetem.

As idéias de pré, neo e pós perdem seu sentido estrito: precursores ignorados podem surgir a qualquer momento e em qualquer lugar.

Os invariantes literários recobrem o conjunto dos elementos textuais do mundo inteiro e no sentido amplo do termo: a totalidade das obras orais e escritas, com finalidade “artística” intencional ou atribuída. Eles ilustram o jogo profundo das analogias, dos sincronismos, das simultaneidades, das coincidências, dos paralelos e das similitudes literárias que se aproximam da identidade integral.

Tendo em vista a utilização operacional desse conceito chave para a teoria do comparatismo, Marino propõe uma classificação tipológica de invariantes literários: a) invariantes estruturais da obra literária individual e da literatura universal, b) invariantes relacionais que recobrem contatos entre as obras individuais e entre as literaturas nacionais. Os “invariantes estruturais” começam a ser conhecidos e bem definidos, em contrapartida, “os invariantes relacionais” são ainda imperfeitamente definidos e pouco conhecidos e explorados. Eles podem ser situados na categoria dos “universais” dos contactos “intra-literários” (entre as literaturas nacionais) e “interliterários” (entre as obras).

Sob essa perspectiva, uma nova leitura de algumas noções usuais do comparatismo tradicional torna-se possível. Estudos acurados sobre numerosas relações “literárias individuais e nacionais podem ser utilizadas como infra-estrutura histórica e documentária e repertório de fichas com o objetivo de se detectar o coeficiente de invariante a ser extraído de determinada ordem de relações factuais.

Para elaborar uma poética comparatista cujo objeto é a literatura universal, Marino propõe uma perspectiva e metodologia hermenêuticas, comandadas pelos seguintes pressupostos: 1) a literatura universal existe, ela se compõe com a totalidade das literaturas e se confunde com a literatura e 2) para se chegar a uma teoria da literatura universal, é necessário um método que antecipe e deixe configurar-se a teoria da literatura universal.

Legitimar o conceito piloto de literatura universal é um dos deveres primordiais e essenciais da teoria comparatista da literatura. A literatura universal constitui uma realidade tanto teórica quanto factual. Só através dessa grade, todas as obras individuais e nacionais (enquanto diferenças específicas) são idênticas, reconhecidas e participam de um gênero (literatura universal). Esse pressuposto universalista não é neutro: reveste-se de um “parti-pris” ideológico de modo a dar, à hermenêutica comparatista, uma orientação ativa militante. Trata-se de

-- 155 --

assumir a consciência universalista da literatura e transformá-la numa forma ativa com implicações diretas na atualidade ideológica de nossa época – tomada de posição contra o eurocentrismo, o imperialismo e o colonialismo e a favor do internacionalismo, das comunicações livres entre as literaturas e de um novo comparatismo.

Uma vez delineados o objeto e os pressupostos teóricos do comparatismo, destacados o valor e a operacionalidade do conceito “invariante” e definidas as novas orientações da hermenêutica comparatista, Marino arrola e descreve, de modo minucioso, técnicas e conceitos hermenêuticos, através dos quais se concretiza a metodologia determinada por sua teoria literária. São elas: leitura simultânea, indução-dedução, análise-síntese, todo-parte, tipologia, modelo e estrutura, descrição e morfologia, analogia e similaridades e, finalmente, comparação. Tais técnicas e circuitos hermenêuticos acabam, de um modo ou de outro, convergindo para o “invariante”.

Apesar de a natureza do objeto do “novo comparatismo” (a literatura) contrapor-se a um estatuto lógico-matemático para a sua teoria, ela se constrói num sistema coerente e

lógico. A validade da teoria e a eficácia do método comparatista devem passar por uma verificação, cujas exigências comportam um nível de aproximação, uma base documental e uma técnica específicas. Longe dela estão, portanto, a utopia da “exaustividade” e as noções de “objetividade” e “verdade”. O critério hermenêutico essencial de verificação consiste na clareza do esquema e na estruturação dos dados. A verificação teórica é demonstrada, primeiro, pela sua coerência intrínseca, e em seguida, de modo retroativo, pelos documentos, por ela produzidos.

Esta metodologia descritiva e hermenêutica posta à prova constitui o caminho que leva ao delineamento do objeto da teoria comparatista da literatura e da literatura universal, cuja generalidade se desdobra em dois níveis: a) do invariante enquanto produto de uma generalização redutora e b) de uma generalização extensiva (de Leste a Oeste, do presente para o passado e vice-versa), levada às últimas conseqüências, com vistas à essência e à fenomenologia da literatura.

Sempre se refazendo e reformulando, o conceito de literatura geral implica uma teoria universal, também progressiva, cujo método exige uma generalização contínua, por etapas, a partir dos nove elementos adquiridos e ascendente, por níveis de aproximação e generalidade ampliado. Um esquema deste tipo comporta uma poética menor (das obras), maior (das épocas) e geral (da ciência da literatura).

O resultado final desta teoria comparatista literária, confundindo-se com o seu próprio objeto, constitui numa modalidade diferente de pensar e colocar o problema da

literatura: ela só pode ser definida no plano específico de referência à literariedade (diferente do conceito de Jakobson).

-- 156 --

A conversão do comparatismo em teoria comparada da literatura e em poética encontra, desse modo, um objetivo essencial que a justifica. Esta poética, na visão de Marino, não se confunde com aquela geralmente indicada por este termo. Ela possui uma base mais ampla e objetiva do que a das poéticas atuais: seu arcabouço formado de invariante deve recobrir (pelo menos em princípio) o domínio poético no seu conjunto, isto é, na sua universalidade espacial e temporal. Isso não impede, no entanto, que o seu procedimento se assemelhe aos das outras poéticas. De modo homólogo ao dos poeticistas modernos que isolam “o discurso literário” da realidade concreta dos textos, a poética comparada extrai de todas as literaturas nacionais – através de um método próprio que resulta em generalizações unificadoras – sua idéia de “discurso literário” ou em outros termos, de literariedade, de essência da literatura. A morfologia transforma-se em fenomenologia, em essência e definição da literatura, extrapolações da literatura universal.

O livro de Marino não se esgota na explicitação da sua hipótese e na tentativa de construção de uma teoria e metodologia específicas para o comparatismo. Ele é generoso na oferta de referências teóricas, históricas e metodológicas, permitindo, ao leitor, não só acompanhar com clareza seu permanente vai e vem entre suas fontes, os seus pressupostos e a sua reflexão pessoal, mas também refazer a trajetória, pelo menos em pontos fundamentais, da história da literatura comparada e das suas relações com a história e a teoria literárias. Aliás, um dos pontos fundamentais de sua proposta é o aproveitamento adequado de convergências e influências de teorias tradicionais e atuais, desde que submetido ao seu objetivo primeiro.

O tiro desferido por Marino não atinge, no meu modo de entender, o seu alvo, na essência. A proposta do novo paradigma teórico e poético para o comparatismo não resolve o problema de sua identidade. A literatura comparada muda apenas de roupagem. Se antes ela se confundia com a história ou com a crítica, agora ela se mescla com a teoria literária. Mas nem por isso o trabalho de Marino merece ser desvalorizado. Além das importantes informações de ordem histórica e teórica sobre a literatura comparada, já referidas aqui, sua contribuição para a reflexão sobre a teoria literária, e em especial, sobre o embasamento do seu aparelho conceitual, na literatura geral, fazem de *Comparatisme et théorie de la littérature* um livro de interesse não só para os comparatistas, mas também para os estudiosos de literatura, em geral.

Adrian Marino, *Comparatisme et théorie de la littérature*, Paris, PUF, 1988.